

A ICONICIDADE NAS CONSTRUÇÕES ADVERSATIVAS

Maria José de Oliveira (IFRN- Câmpus Caicó)
maria.oliveira@ifrn.edu.br
Camilo Rosa Silva (UFPB)
camilorosa@hotmail.com.br

Introdução

Givón (1995) defende a ideia que as línguas são em parte icônicas, ou seja, procura-se refletir sobre a correspondência entre os arranjos estruturais da língua e suas estruturas semânticas. Este trabalho tem o propósito de analisar a aplicação do princípio da iconicidade às ocorrências de fala do natalense, quando em situações em que se configura a adversidade.

O objetivo é analisar como a iconicidade atua nas escolhas feitas pelo usuário para construir ideias de oposição, a fim de se averiguar se existe uma motivação subjacente ao processo de emparelhamento entre forma e função.

Molda-se a pesquisa por aparatos da teoria funcionalista cuja gramática apresenta um formato de contornos adaptativos (DU BOIS, 2003) e emergentes (HOPPER, 1998), cujos fins se aplicam à possibilidade de se descrever e analisar as diversas funções semântico-pragmáticas assumidas pelas construções investigadas no processo de interação comunicativa. Conforme Neves (2006), uma análise de base funcionalista penetra a organização dos enunciados para avaliá-los não apenas sob diversos níveis (predicacional; proposicional; ilocucional), mas também sob os diversos ângulos que envolvem a atividade linguística (textual/informacional; interacional), e o faz sempre com incorporação dos diversos componentes (sintático; semântico; pragmático).

A pesquisa se insere num modelo caracterizado como descritivo-analítico, cuja finalidade é a análise da atuação da iconicidade nas construções adversativas ditadas pelo povo natalense.

Vale ressaltar que a adversidade será aqui retratada mediante uma análise funcional de orações que codificam informações, as quais se opõem no fluxo discursivo. As ocorrências são buscadas em dados reais da fala do interlocutor natalense, presentes no corpus Discurso e Gramática - língua falada e escrita da cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998).

Vejam-se algumas ocorrências do D&G, Natal-RN:

- (1) essa cirurgia que fiz ... **mas** tive seqüelas né ... fiquei com seqüelas como ... meus dentes ficaram num sei quantos anos ... caindo sozinho ... amolecia sozinho e caía ... é só sem ver de que caía e também tive que ... eu tava ... tinha seis anos né ... (narrativa de experiência pessoal, p.7)
- (2) ...(carro passando)) aí ele veio no ... na ... na ... na ... na ((riso)) aí ele veio pediu ... pediu pra passar ... **aí** o motorista também tava muito melado né ... aí passou ... aí na ... na ... na ... **aí** o motorista não deixou passar ... aí ele cortou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na BR ... (narrativa de experiência pessoal, p.6)
- (3) ... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico ... **só que** ... eu achei o seguinte ... se o professor colocou um pouquinho ... foi aquele desfile ... imagine se eu colocasse mais ... peguei o mesmo béquer ... coloquei uma colher ... uma colher de cloreto

de sódio ... foi um fogaréu tão grande ... foi uma explosão ... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa ... (narrativa de experiência pessoal, p. 20)

(4) talvez aqui na via costeira em Natal tenha um ar igual no inverno ... **mas** muito agradável o ar e uma imensa rajada de frio ... porque eu tinha ... eu pensava que tinha ido bem agasalhado ... que tinha levado os cober/ é ... os casacos certos ... a luva certa ... **mas** eu vi que meu casaco era insuficiente pra aquele frio ... ((riso)) **mas aí** eu tive que me agüentar até ... até Rio Grande porque eu num tinha ... num saberia comprar em Porto Alegre um casaco e num tinha ... (narrativa de experiência pessoal, p. 44)

(5) ...ele enfrenta uma transformação muito grande **agora** ... vem enfrentando ... **agora** vai tá piorando e a gente vê aí os brasileiros ... os nordestinos ... os sertanejos ... ninguém abre os olhos ... tá todo mundo iludido ... todo mundo pensando em como se divertir ... todo mundo pensando em ter amanhã o dia melhor ... mas num abre pra situação econômica ... que vai melhorar sua vida ... (relatos de opinião, p.36)

(6) tá todo mundo lá vidrado porque:: porque eles querem sonhar com a vida melhor ... **mas** eles só sonham ... **no entanto** ... querem receber aquilo ... não vê e pra abrir os olhos é difícil ... é preciso que haja alguém que invista mais na educação ... (relatos de opinião, p.37)

(7) ... toda relação tem dificuldades e elas devem ser superadas no convívio ... num acredito que ... o casamento ... que se resolva alguma coisa fugindo de um relacionamento ... é ... onde já existem é ... outras pessoas é ... personagem passar por quatro ... cinco pessoas ... (relatos de opinião, p.73)

Conforme se pode ver na amostra composta por ocorrências constantes no D&G, *corpus* eleito para dar suporte a esta investigação, a adversidade se encontra representada por conectores como **mas, aí, só que, no entanto, entretanto, e, agora**, muito embora muitos deles não tenham sido ainda reconhecidos pela tradição como adversativos, haja vista que a gramática tradicional se espelha na língua escrita, em cujo contexto essas ocorrências não acontecem com muita frequência.

Para desenvolver o trabalho, a princípio se fez a leitura do *corpus* escolhido (D&G de Natal), localizaram-se as ocorrências que trazem a marca de conectores adversativos em recortes dos relatos de opinião e nas narrativas de experiência pessoal, para então destacá-las e agrupá-las, consonante suas características funcionais, verificando-se o princípio do emparelhamento entre forma e função.

A organização sistemática da pesquisa é assim organizada: 1 Perfil funcional da adversidade, o qual mostra o conceito de adversidade e quais os conectores são mais recorrentes na fala do usuário natalense; 2 iconicidade (conceitos e discussão) abordam-se e discutem-se conceitos do termo; 3 O princípio da iconicidade aplicado à adversidade é o ponto que analisa a atuação da iconicidade em ocorrências que marcam os discursos de oposição do *corpus* em análise.

1 Perfil funcional da adversidade

Concebida como a junção de segmentos que se opõem no fluxo discursivo, a adversidade é aqui retratada numa análise contemplativa de aspectos semântico-discursivos.

Acreditando que a gramática atua de forma emergente (HOPPER, 1998) e que o sistema de regularidades para se fixar na língua dependerá da frequência do uso, em primeiro

lugar, debruça-se sobre o levantamento dos itens mais frequentes no *corpus*. Em um segundo momento, elegem-se os itens mais recorrentes e aplica-se-lhes então o princípio da iconicidade.

Durante o percurso de averiguação das ocorrências de conectores adversativos, os dados revelam os possíveis representantes da categoria em condições semântico-pragmáticas, ou seja, numa análise permeada por critérios que contemplam aspectos relativos ao ato de produção de sentido, envolvendo contexto situacional, tipo de ato de fala, a intenção, valores e crenças dos participantes da ação verbal.

Por isso, a análise vai além do eixo sintagmático. Os segmentos conectados não são baseados nos critérios tradicionais de bipartição austera entre coordenação e subordinação. Outros fatores relacionados ao fluxo do pensamento estão envolvidos no *continuum* que envolve a junção, de modo que se descarta o trabalho baseado em critérios demarcatórios rígidos.

De posse dos dados, constata-se que os mesmos são reveladores de tendências de uso das construções, que, para a realização da oposição recorrem aos mais variados conectores; muitos deles sequer constam nos manuais ou gramáticas tradicionais. Vejam-se:

Tabela 1: Frequência geral dos conectores adversativos na comunidade de fala do Natal

<i>CONECTOR</i>	<i>QUANTIDADE</i>	<i>%</i>
mas	269	65,6
e	64	15,6
aí	38	9,2
agora	26	6,3
só que	10	2,5
no entanto	2	0,5
Já	1	0,3
TOTAL	410	100

Em verdade, os itens aqui relacionados figuram nas construções do *corpus* como contrajuntores, porém se observa que apenas o *mas* e o *no entanto* são, talvez, os itens reconhecidos pelos estudiosos do português tradicional como representantes da adversidade. O “e” também já encontra abrigo entre os adversativos por alguns gramáticos mais inovadores que, algumas vezes, produzem reflexões sobre sua multifuncionalidade.

É estranho que o item *porém*, geralmente o segundo item das relações apresentadas pelos gramáticos tradicionais, não tenha tido presença em nenhuma das construções opositivas do *corpus* analisado.

Postula-se que os demais itens, *agora*, *aí*, *só que* e *já*, apresentem características comuns ao *mas*, de modo que possam ser notificados como conectores adversativos no processo de categorização e etiquetamento dos fenômenos do mundo.

Em termos quantitativos, os dados totais da amostra somam 410 ocorrências, envolvendo situações que carregam a marca dos conectores adversativos. Do total, 269 trazem a marca do conector *mas*, detentor de 65,6% das ocorrências.

É notório que o *e*, *aí* e *agora* disputam um lugar na estrutura da adversidade no discurso natalense. Entretanto, é valioso considerar que os citados itens já assumem outras funções pragmático-discursivas na língua.

O *e*, por exemplo, é considerado pela tradição o prototípico das conexões aditivas; o *agora*, representante das construções temporais, e o *aí*, um circunstanciador espacial.

A expressão perifrástica *só que* obteve o percentual de 2,5% da preferência do usuário natalense. Apesar de não constar nos manuais da tradição, a expressão já se regulariza

como adversativa e é reconhecida pelos estudos funcionalistas, como assim constatou Longhin (2003). Segundo a autora, existe uma tendência da expressão perifrástica compartilhar o sentido pragmático de quebra de expectativa, sobretudo, particularizado por condições contextuais.

Outro fenômeno curioso e digno de observação é o fato do item *no entanto* ocorrer apenas em duas construções. Como se sabe, é comum entre os gramáticos incluir o item em menção entre os segmentos adversativos, muito embora, alguns estudos funcionalistas, como o de Neves (2006), considere fluida essa classificação, justificando que esse elemento não passa nos testes que poderiam lhe conferir tal estatuto. Entre os testes, segundo a mesma autora (p. 263), inclui-se a possibilidade de co-ocorrer com um coordenador como *e* ou *mas*, ou ocorrer separado por vírgula. Entretanto, não se comunga desta posição.

Em razão da presente investigação se debruçar sobre a modalidade de língua oral, registram-se também ocorrências adversativas mediante o elo *mais = mas*. Entendendo que essa é uma variação fonológica do *mas*, tais ocorrências foram incluídas na contagem do conector *mas*.

2 Iconicidade: conceitos e discussão

É a iconicidade o ponto de referência do paradigma da linguística funcional, principalmente no que se refere às orientações givonianas. O interesse pelo termo ressurgiu nos anos 80, inspirado nos trabalhos de Pierce.

Entende-se por iconicidade o emparelhamento entre a forma e seu conteúdo, de modo que dessa relação subjaz um princípio motivador.

Nos termos de Bolinger (1977): “a condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma”. Essa formulação clássica, rotulada de versão forte, prevê uma conexão não arbitrária, numa relação de um-para-um, entre a forma e a função. No entanto, Givón observa que a iconicidade da gramática não é absoluta, como de fato se percebe, porque algumas formas sofrem as pressões diacrônicas ocasionadas pelas corrosões e desbotamentos, os quais obscurecem o sentido original. Assim, as codificações não são 100% icônicas e, para Givón (2001), a crença no absolutismo icônico é considerada idealista e ingênua.

Tavares (2003, p.84) assim pensa sobre a iconicidade:

o que une as diversas teorias funcionalistas é a aceitação, em maior ou menor grau, de uma (meta) princípio denominado iconicidade, segundo o qual as estruturas linguísticas tendem a refletir e a serem pressionadas por funções. Se algo é posto em uso, o é por conta de alguma função- as formas desempenham papéis no discurso, fato que está subjacente à organização gramatical. A iconicidade não implica, porém a existência de correspondências biunívocas e não arbitrárias do tipo representado pela fórmula 1:1 (isto é, para cada forma há uma função ou um significado). Formas e funções estão sempre em mobilidade, havendo geralmente mais de uma forma para cada função e mais de uma função para cada forma. A iconicidade que caracteriza a língua reside no fato de que as formas são usadas sob influência de um conjunto de motivações funcionais.

Está com a razão Votre (1996), quando propaga a ideia de que os humanos agem de forma intencional em termos linguísticos, embora nem sempre se possa ter força de precisão para abstrair a intenção de cada ato verbal.

Como ele próprio afirma, “na língua, nada é por acaso”. Entretanto, ao sabor da elaboração criativa do homem, movida pelas pressões de ordem estrutural e funcional surgem implicações que geram, às vezes, ambiguidades: uma forma para várias funções e várias formas para uma função.

Givón (1990) defende alguns subprincípios regentes da iconicidade no nível brando: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

Pelo princípio da quantidade, há uma proporcionalidade entre o tamanho do texto e a quantidade de informações por ele veiculadas, de modo que uma porção maior de informação terá direito à porção maior de codificação, assim como a informação menos previsível e a mais importante receberá mais material de codificação. Em outras palavras, a complexidade do pensamento tende a refletir na complexidade da expressão.

O subprincípio da proximidade prevê que os conteúdos mais próximos cognitivamente são mantidos em proximidade espaço-temporal (GIVÓN, 2001).

No que toca ao subprincípio da ordenação linear, ele atua na tendência a ordenar os vocábulos, conforme a ordem da temporalidade que os fatos vivenciam na realidade extralinguística.

3 O princípio da iconicidade aplicado à adversidade

Assim, compartilhando a ideia de Givón (1995), que defende as línguas como, em parte, icônicas, procura-se refletir sobre a correspondência entre os arranjos estruturais da língua e suas estruturas semânticas.

Pretende-se observar como o princípio em tela atua nas escolhas do usuário da cidade de Natal, a fim de se averiguar se existe uma motivação subjacente ao processo de emparelhamento entre forma e função.

Ao acionar o prisma da iconicidade, o olhar deve se voltar para o fato de que a estrutura da língua é determinada pela experiência que utentes arquivam em repositório mental, mediante experiências prévias captadas no trato com o mundo.

Destarte, acredita-se em uma correlação entre empacotamento cognitivo e empacotamento gramatical, os quais se concretizam por meio da construção de molduras que o próprio falante automatiza das relações sóciointerativas.

A gramática funcional, cujo formato delinea contornos adaptativos e emergentes prevê que a língua sofre mudanças e variações.

A hipótese com a qual se trabalha é que o fenômeno da adversidade exhibe uma arquitetura assentada numa ordem preferencial, cujos arranjos sintáticos refletem as pressões cognitivas oriundas do mundo biossocial.

Vale salientar que no aparato funcionalista se contemplam esses aspectos que a gramática tradicional não respalda. Gramáticos como Cunha (1986), Cegalla (1997), Bechara (2006), apenas enfatizam que as adversativas ligam ou enlaçam termos, unidades, orações para exprimirem contraste, oposição, no entanto, não promovem qualquer referência às pressões cognitivas e comunicativas sofridas pelo trato comunicativo, as quais podem determinar alterações.

Acredita-se que uma investigação contemplativa das preferências do usuário num âmbito icônico pode esclarecer o porquê de certas escolhas e a causa de variações e mudanças no perfil da oposição na fala do natalense.

Isso não justifica acreditar na absolutização da iconicidade. Como o próprio Givón (2001, p.35) advoga, “a iconicidade da gramática não é absoluta, mas apresenta graus”.

Outro fator importante a se mencionar é que o fenômeno investigado é aqui considerado na modalidade de língua oral, portanto, passível de mudanças bem mais bruscas.

Dados de língua oral são provenientes de formulações *on-line*, sendo comuns as repetições e hesitações, como parte da evolução do fluxo de pensamento.

Givón (1990) entende que o princípio icônico em sua forma branda se materializa através dos seguintes subprincípios que dizem respeito à quantidade, à integração e à ordenação das orações, os quais já se encontram definidos no primeiro ponto desse trabalho, porém serão aqui retomados.

- Subprincípio da quantidade: explica que quanto maior é o texto, mais informações ele codifica, ou seja, (+ *informação* = + *estrutura*).
- Subprincípio da integração: a distância entre a informação mental é proporcional à distância sintática (+ *distância mental* = + *distância sintática*).
- Subprincípio da ordenação: as orações se dispõem em uma sequência linear na mesma ordem em que ocorrem os fatos por elas referenciados.

A propósito, observem-se como os subprincípios atuam nos arranjos adversativos formulados pelos sujeitos em análise:

(08) a solução do país tá nas minhas mãos ... a solução dos meus filhos futuramente tá nas minhas mãos ... **mas** ele tem medo de enfrentar ... de encarar a realidade ... de pegar o seu direitos de voto e dizer assim ... “eu vou usar essa arma” ... não ... eles se deixa enganar ... se deixa iludir por um dinheiro ... por uma cara bonita ... por um ... por um:: meio de comunicação como é a televisão ... (D&G, oral, p.36)

Na ocorrência (08) o segmento adversativo contrasta com a informação de base, através do conector *mas*. A maneira como se emoldura a proposição que caracteriza a oposição parece revelar a necessidade de mais codificação por parte do falante para comprovar o seu argumento. Note-se a presença do paralelismo sintático “de enfrentar... de encarar a realidade... de pegar o seu direitos de voto”, recurso usado para explicar gradualmente e melhor a informação imprevisível, utilizando-se de mais codificação. Esse comportamento evoca o princípio icônico da quantidade, explicitado anteriormente. O subprincípio da quantidade prevê que, ao sabor de sua criatividade, o falante, movido por questões cognitivas e comunicativas, utiliza-se desses recursos para guiar o fluxo do pensamento.

Como se vê adiante, na mesma ocorrência, o discurso ganha continuidade através de uma paratática de teor também adversativo. A informação adversativa seria possível apenas com a oração “*mas ele tem medo de enfrentar a realidade*”. Entretanto, a relevância do discurso para os interlocutores os pressionam a utilizarem mais material linguístico. Dessa forma, (+ *informação* = + *estrutura*), ratificando o subprincípio icônico da quantidade. Confira-se também a ocorrência (09):

(09) ...quanto o que as pessoas pensam sobre religião ... acho que é isso mesmo ... elas têm um certo medo né ... **agora** falando assim bem na parte ... na parte espiritual ... assim no relacionamento delas com Jesus ... elas também têm um medo de aceitar que elas estão erradas ... que o comportamento delas são errados né ... que o comportamento é errado ... e aí ... elas ... preferem também não dar a mínima ... né ... preferem não dar a mínima pra bíblia ... pra palavra de Deus ... (D&G, ORAL, p.125)

Em (09) há também indícios do subprincípio icônico da quantidade, visto que o informante argumenta não acreditar na existência de ateus, nem na importância da religião, informações básicas contrastadas pelo segmento posterior que se conecta pelo “*agora*” mediante uma série paralelística de formas que fazem o discurso fluir com uma volume maior

de informações, talvez necessárias para o processamento da informação adversativa que o informante parece querer evidenciar.

A ocorrência (10) apresenta um *script* muito comum entre as construções adversativas: a sequência afirmativo/negativa.

(10) ...você acredita que a palavra de Deus é verdade? acredita que realmente tudo o que tem na bíblia é verdade? acredito ... num é? **mas** ... num procuram ler ... num procuram estudar ... num procuram entender ... né? não procuram seguir nada do que tem ali ... então eu fico com uma dúvida se elas realmente ... se elas realmente crêem ... acredita na bíblia (D&G, ORAL, p. 128).

É sabido que desde os antigos essa ordem já era preservada como um apelo cognitivo de processamento de informações de contraexpectativa, comprovando-se pelas palavras de Aristóteles (1984, p. 26): “a primeira proposição é a afirmação, a negação é a seguinte”.

É preciso argumentar que essas construções se emparelham de uma forma já institucionalizada. O subprincípio icônico da ordem parece ditar essa sequência preferencial (afirmativa/negativa), com base em conceituações humanas do mundo.

Acerca das ocorrências em análise, deve-se mencionar que as mesmas além de remeterem ao subprincípio icônico da ordenação, envolvem-se com o subprincípio da quantidade no segmento adversativo, porquanto se registra um fluxo de informações subsequentes à oração básica, que acentuam a informação nova, menos previsível no enunciado, utilizando-se de recursos paralelísticos e de gradação do enunciado.

É perceptível também entre as construções adversativas a tendência geral a pôr em primeira posição a informação matriz, para contrapô-la em segmento posterior, consoante as ocorrências seguintes:

(11) ela disse ... “eita ... vem pra cá”... aí eles vinham bem pertinho aí disse ... “eita ... ele vai já falar alguma coisa” ... **aí** num falava nada... aí quando foi ... eu tava assim de costa ... aí quando ele passou ... aí eu olhei ... menina ... todos dois se olharam juntinhos ... eu e ele ... aí eu ... eu e ele ... aí ... aí a gente ... (D&G, ORAL, p.152)

Em (11) a informação básica *ela vai já falar alguma coisa* parece mais previsível no enunciado, por isso vem em primeiro lugar. Givón (1995, p. 407) defende que “a ordem temporal em que os eventos ocorrem será refletida na reportagem lingüística dos eventos”.

Quanto ao subprincípio icônico da integração, como se trata de uma pesquisa da língua na modalidade oral, convém observar algumas regras de entonação, as quais são relevantes para a compreensão da atuação desse subprincípio nas ocorrências estudadas.

Está em Givón (1995) a afirmação de que o tamanho da pausa temporal entre as informações corresponde ao tamanho da distância cognitiva e temática entre eles. Essa ideia pode ser evocada para explicar o alto índice de adversativas ocorrendo após uma pausa entre suas matrizes, adiante exposta na ocorrência (12):

(12) ... ta certo que eles falam assim... confie em mim... **mas** é difícil a pessoa confiar... (D&G, ORAL, p.42)

Martelotta (1988, p. 42) acredita na hipótese de que as orações coordenadas apresentam grau de vinculação sintática menor do que as adverbiais. Talvez, por isso, possam ocorrer elos gramaticais não tão rígidos e nem tão compactos e integrados. A tendência a

ocorrerem depois de pausas pode refletir uma maior distância cognitiva entre os segmentos, do ponto de visto discursivo.

Conclusão

Analisados os dados percebe-se que o princípio icônico se torna manifesto nas construções adversativas através dos seguintes subprincípios: o da quantidade atua na repetição das estruturas menos previsíveis do segmento adversativo, como forma de acentuar a informação nova. O da ordenação age nas sequências afirmativas/negativas, inclusive atuando em concomitância com o subprincípio icônico da quantidade. A ação do subprincípio da integração também foi observada na considerável quantidade de pausas entre informações básicas e informações contrastivas, comprovando-se um grau menor de vinculação sintática entre informação básica e adversa.

Dessa forma, o estudo da iconicidade pode contribuir para a produção de sentido, uma vez que revela uma tendência a um emparelhamento entre forma e função, possivelmente advinda de elementos da ordem social do mundo do falante. Através do princípio icônico das línguas permitiu-se analisar a arquitetura sintática de determinadas construções, bem como observar as pressões cognitivas e comunicativas exercidas sobre as construções adversativas advindas do trato com o mundo.

Nessa perspectiva, não se pode mais trabalhar as categorias linguísticas apenas com base em critérios estritamente morfológicos ou sintáticos. As pesquisas linguísticas revelam que as formas da língua devem ser trabalhadas também com base em critérios semântico-pragmáticos.

Referências bibliográficas

- ARISTOTLE. De interpretatione. In: BARNES, J. *The complete works of Aristotle*. Princeton: Princeton University, 1984, v. 1 e v.2.
- BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BOLINGER, D. *The form of language*. London: Longmans, 1977.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 40 ed. São Paulo, Nacional, 1997.
- CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: Fename, 1986.
- DU BOIS, J. W. Discourse and Grammar. In: TOMASELLO, M. *The New psychology of languages: cognitive and Functional to language structure*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 65-87.
- FURTADO DA CUNHA, M. A (org.). *Corpus Discurso & gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- GIVÓN, T. *Syntax*. A functional-typological introduction. v. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- _____. *Functionalism and grammar*. John Benjamins: Amsterdam/ Philadelphia: 1995.
- _____. *Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, v.1.
- HOPPER, P. J . Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (ed). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p.155 -175.
- LONGHIN, S. R. L. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2003.
- MARTELOTA, M. E. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. In: *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, Juiz de fora, v-2, n. 3, 1988, p. 37-56.

NEVES, M.H. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

VOTRE, S. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S.J.;

CEZÁRIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.